

Relações de poder e interdependência: Norbert Elias e as transformações contemporâneas da comunicação**Relations of power and interdependence: Norbert Elias and the contemporary transformations of communication**

DOI:10.34117/bjdv6n11-048

Recebimento dos originais: 03/10/2020

Aceitação para publicação: 04/11/2020

Tatiana Lima da Silva

Mestra

Programa de Sociedade e Cultura na Amazônia (PPGSCA/UFAM)

Email: tatianalds09@gmail.com

Michel Justamand

Doutor em Antropologia/Ciências Sociais pela PUC/SP. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da UFAM; e Professor Associado 2 do Curso de História da Arte, da UNIFESP, lotado em Guarulhos/SP

End. Residencial Portal das Rosas. Estrada dos Pires, s/n. Rio Abaixo, Atibaia, São Paulo, CEP 12952-451.

RESUMO

O presente artigo discute dentro do campo jornalístico as relações de poder com base nos conceitos trazidos pelo sociólogo Norbert Elias, que discute as relações entre sociedade e indivíduo. Por meio da revisão de literatura de algumas obras do sociológico Elias, revisitamos alguns conceitos do autor para compreendermos a configuração das relações existentes no campo jornalístico. No campo jornalístico, diversos grupos de indivíduos (repórteres, editores, donos da empresa etc.) participam da atividade jornalística, atuando, influenciando, às vezes de forma visível ou não, na produção das informações. Os grupos de indivíduos não estão alheios as transformações sociais, e não se caracterizam independentes. Ao contrário, são interdependentes e dinâmicos e sempre em desenvolvimento. Deste modo, os indivíduos jornalistas estão sempre sujeitos às transformações sociais na qual estão inseridos e influenciando a produção da notícia.

Palavras-chave: Atividades Jornalísticas, Grupos de Indivíduos, Norbert Elias, Jornalismo.

ABSTRACT

This article discusses power relations based on the concepts brought by the sociologist Norbert Elias, who discusses the relationship between society and the individual within the journalistic field. Through the literature review of some works by the sociological Elias, we revisited some of the author's concepts to understand the configuration of the existing relationships in the journalistic field. In the journalistic field, several groups of individuals (reporters, editors, owners of the company, etc.) participate in the journalistic activity, acting, influencing, sometimes visibly or not, in the production of information. Groups of individuals are not unaware of social changes, and are not characterized as independent. On the contrary, they are interdependent and dynamic and always in development. In this way, individual journalists are always subject to the social changes in which they are inserted and influencing the production of the news.

Keywords: Journalistic Activities, Groups of Individuals, Norbert Elias, Journalism.

1 INTRODUÇÃO

O sociólogo Norbert Elias (1994) mostrou que ao longo dos séculos, no desenvolvimento da sociedade ocidental, criou-se um abismo entre indivíduo e sociedade. Elias rompe com essa concepção mostrando por meio do conceito figuração, que os seres humanos vivem numa relação de interdependência, assim, sociedade e indivíduo não se separam e nessas relações está imbricado o poder. Esse é o entendimento aqui.

No presente texto¹, a figuração escolhida foi o da produção de informação: o jornalismo. Neste campo, julgamos que se pode perceber uma forte influência sobre a sociedade como um todo, ao mesmo tempo em que se atinge o monopólio da comunicação e em como, segundo Bourdieu (1997) os integrantes desse sistema são tão manipulados quanto os manipuladores, apesar de estarem inseridos em um mesmo contexto. Entra aqui o funcionalismo² o reconhecimento das pessoas como as funções que desempenham dentro de um sistema. E mesmo dentro de um sistema funcionalista há indivíduos que foram figurados em relações sociais e educados de acordo com suas normas e costumes.

2 AS HIPÓTESES CONTEMPORÂNEAS DE COMUNICAÇÃO RELACIONADAS AOS CONCEITOS DE ELIAS

Norbert Elias (1897-1990) foi um sociólogo alemão muito à frente de seu tempo, pois conseguia observar e estruturar dentro de uma lógica que formulou seus conceitos mais conhecidos: uma sociedade interdependente, configurada e organizada entre relações de poder, que o próprio autor afirma ser inevitável dentro de uma sociedade.

Para que se possa chegar ao ponto de análise do presente artigo – as hipóteses contemporâneas do jornalismo e sua interdependência e as relações de poder – é necessário destacar os conceitos trabalhados por Elias e como eles se relacionam ao campo da comunicação jornalística.

Elias considera que os processos sociológicos estão intimamente ligados aos processos históricos, psicológicos, biológicos e educacionais (Delzescaux apud Costa 2017, p.35). Por isso, não

¹ Usamos a metodologia de análises bibliográficas

⁴ Corrente teórica das ciências sociais que surgiu na década de 1930 na Inglaterra. O etnógrafo Bronislaw Malinowski foi um de seus propulsores ao considerar a cultura como um sistema integrado.

² Corrente teórica das ciências sociais que surgiu na década de 1930 na Inglaterra. O etnógrafo Bronislaw Malinowski foi um de seus propulsores ao considerar a cultura como um sistema integrado.

se deve pensar em estruturas estáticas, mas considerá-las dinâmicas e sempre em desenvolvimento, além de não considerar as ações sociais como individuais, pois o indivíduo está dentro de uma rede de relações sociais, como aponta Costa (2017).

A mesma relação com a dinamicidade é abordada por Hohfeldt (2007) ao mencionar que as hipóteses contemporâneas de comunicação (*newsmaking*, *agenda setting* e a espiral do silêncio) são nomeadas de “hipóteses” e não “teorias”, justamente por não ser um ciclo fechado, mas algo aberto a transformações:

[...] uma teoria é um paradigma fechado, um modo acabado e, neste sentido, infenso a complementações ou conjugações, pela qual traduziremos uma determinada realidade segundo um certo modelo. Uma hipótese, ao contrário, é um sistema aberto, sempre inacabado, adverso ao conceito de erro característico de uma teoria. (Hohfeldt, 2007).

Tais hipóteses apenas serão alteradas, dependendo das transformações sociais que envolvam o jornalismo e a receptividade das notícias na sociedade e o impacto que ela causa. Mas, assim como qualquer transformação sociológica, os efeitos só poderão ser vistos em longo prazo e sempre ligados ao comportamento dos indivíduos, dentro de uma sociedade.

Elias (2001) se afasta da dicotomia indivíduo e sociedade, ignorando que são dois fatores separados, mas estuda a formação social, configurada em sujeitos em interdependência, como uma teia. É desse modo que a teoria eliasiana é considerada uma sociologia configuracional (COSTA, 2017), conceituando em suas obras termos como figuração, interdependência e o processo civilizador.

Elias (2006, p. 25), afirma que “apenas os seres humanos formam figurações uns com os outros”. Uma vez que a estrutura social em processo de transformação é composta por elementos interdependentes entre si. É aqui que se abre o caminho para compreensão e da formação dos indivíduos, por meio do lugar social que ocupam, as relações com normas e com as regras, de acordo com o processo de internalização das emoções de cada um (Costa, 2017).

Para Elias (2006), no livro *Escritos e Ensaios: 1*, são essas figurações que formam o estudo do campo da sociologia:

Socialização e individualização de um ser humano são, portanto, nomes diferentes para o mesmo processo. Cada ser humano assemelha-se aos outros e é, ao mesmo tempo, diferente de todos os outros. [...] Seres humanos biologicamente invariáveis podem formar figurações variáveis. Essas figurações possuem peculiaridades estruturais e são representantes de uma ordem de tipo particular, formando, respectivamente, o campo de investigação de um ramo da ciência de tipo particular, as ciências sociais em geral e, também, a sociologia. (ELIAS, 2006, p. 26).

Outro conceito sociológico fundamental para Elias é o de civilização. O autor aborda a civilização como “pertencente, tanto às condições da individualização do ser humano singular como

às condições da vida social em comum com seres humanos” (ELIAS, 2006, p.21). A civilização depende como os indivíduos se constituem em um “eu” e eu como se constituem em uma “sociedade”.

Esse processo de “civilização” pode ser ligado com o processo educacional, e para Elias, os mecanismos de coação externo desenvolvem a autocoação para “civilizar” as sociedades, mantê-las em um padrão que não beire ao primitivo.

A coação exterior na forma da violência física é menos indicada para a formação de instâncias constantes de autocontrole que a persuasão paciente; coações exteriores que oscilam frequentemente entre a ameaça violenta e a demonstração calorosa de amor são menos indicadas que coações exteriores constantes fundamentadas no calor afetivo, que dá segurança. (ELIAS, 2006, p.22).

Com a definição de figuração e civilização, pode-se entrar no conceito de processo social. Segundo Elias (2006, p.104), o processo social “refere-se às transformações amplas, contínuas, de longa duração de figurações formadas por seres humanos, ou de seus aspectos, em uma de duas direções opostas”.

Tais direções representam um caráter em ascensão e um em declínio, do qual se reconhece frequentemente e de modo claro, a ruptura de um estágio do processo para outro, conseqüentemente deslocando o poder. Como exemplo dado pelo autor, enquanto a segunda revolução industrial ascendeu na produção automática guiada por computadores, declinaram-se as formas de prestações de serviços e respectivos grupos profissionais que foram substituídos por máquinas.

Na sociedade da informação³ é comum vermos que os processos caminham para a produção de notícias e que pode se estar em um processo que, ao mesmo tempo que ascende, também declina. Atualmente, é comum vermos notícias em todos os veículos tradicionais, chamando para que o espectador seja convidado a enviar informações. Para chegar a esta ciber velocidade, foram necessárias décadas de desenvolvimento de tecnização.

Tecnização, segundo Elias (2006, p.42):

“é o processo pelo qual, a medida em que progride, as pessoas aprendem a explorar materiais inanimados a uma extensão cada vez mais crescente para o uso da humanidade, tratando-os e os processando, na guerra e na paz, principalmente na expectativa de uma vida melhor. Muitos podem querer limitar o conceito de tecnização a uma época mais recente, uma época onde a presença da tecnologia é acentuada, com processos industriais, produção de armamento e equipamentos dos mais diversos tipos.”

Outro fator que influencia como as notícias podem impactar uma sociedade e provocar mudanças também está no fluxo contínuo da informação. “Da manhã à noite, sofremos verdadeira

³Em CASTELLS, 1999, p. 565, na Sociedade em Rede o poder está nas mãos de quem detém as conexões que ligam as redes de informação, como por exemplo, “fluxos financeiros assumindo o controle de impérios da mídia que influenciam os processos políticos”.

avalanche informacional que, inclusive, nos leva ao conhecido processo de entropia” (Hohfeldt, 2007, p.35). A entropia seria o excesso de informações que se não trabalhadas pelo receptor, se perdem. A consequência é o que McCombs (apud Hohfeldt, 2007, p.35) define como efeito enciclopédia provocado pela mídia quando guardamos informações que, repentinamente, lançamos mão, mas não sabemos de onde podemos ter escutado.

Esses fatores estão ligados à teoria do agendamento, uma hipótese contemporânea de comunicação, em que defende a ideia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes assuntos veiculados pela imprensa, ou seja, sugerindo que os meios de comunicação agendam nossas conversas (PENA, 2015).

Assim como Elias coloca, tais transformações do processo social a longo prazo, um dos pressupostos da teoria do agendamento também está ligado ao tempo, pois não há, ainda, como medir os efeitos do recebimento de informações sem estudos dedicados a pesquisá-los em longo prazo. Mas, mesmo assim, teóricos já afirmam que:

Os meios de comunicação [...] são capazes de, a médio e longo prazos, influenciar sobre o quê pensar e falar, o que motiva o batismo desta hipótese de trabalho. Ou seja, dependendo dos assuntos, que venham a ser abordados – agendados – pela mídia, o público termina, a médio e longo prazos, por incluí-los igualmente em suas preocupações. Assim, a agenda da mídia de fato passa a se constituir também na agenda individual e mesmo na agenda social. (HOHFELDT, 2007, p. 191).

O ponto em que podemos observar a forte influência de uma mídia na sociedade é quando Hohfeldt aborda que um estudo de McCombs e Shaw evidenciou que eleitores aumentavam a busca de informação, à medida que a campanha eleitoral se desenvolvia e aproximava-se da data da eleição, o que mostra o quanto a mídia é intrínseca à sociedade e serve de extensão dos nossos sentidos, pois sem ela, não poderíamos ter o volume de informações que temos agora. Passamos de uma sociedade comunitária, em que todos se conhecem e sabem somente as informações entre si, para sociedade anônima, fruto da urbanização e do processo de massificação dos meios de comunicação, que se desdobram para nos deixar informados. Compactuando com Norbert Elias, o processo social de conhecimento é um fato, pois à medida que crescem e se desenvolvem os meios de comunicação e se tornam mais acessíveis à sociedade, decresce o nível de menos informação para o crescente nível de mais informação.

Além da hipótese do agendamento, a hipótese do *newsmaking* pode também representar uma contribuição, no que observamos a influência de transformação do jornalismo. O *newsmaking* é a construção social de uma suposta realidade (Pena, 2015). É a sistematização da escolha de notícias, por meio de critérios de noticiabilidade, valores-notícia, construção da audiência e rotina de produção.

É na figuração do *newsmaking* (no caso, jornalistas) que se define as pautas que vão “agendar” o cotidiano da população. É aqui que podemos observar o quanto o conceito de figuração de Elias se aplica: para que um jornalista defina o que ele vai escolher como notícia ele segue regras de seu “grupo”, de sua sociedade de jornalistas que o ensinou as regras de noticiabilidade. Ainda que haja essas regras descritas por diversos estudiosos da comunicação, quem define o que entra ou não em um jornal são os donos do meio de comunicação, portanto, as relações de poder devem ser consideradas. Uma pequena parcela monopolizadora da transmissão de informação segura o impacto de transformar uma sociedade inteira por meio das notícias.

Algumas pesquisas feitas entre profissionais indicavam que a recusa ou aceitação de um acontecimento enquanto notícia dependeria muito de uma espécie de conceito difuso do que seja a informação [...] vigente entre os profissionais. [...] As primeiras conclusões admitiram, então, que os processos de comunicação têm em si mesmos uma função de controle social desenvolvido a partir do estabelecimento de práticas socializadas entre seus profissionais, os jornalistas. (HOHFELDT, 2007, p. 205).

Para Elias (2006, p.28-29), há sempre uma fase após grandes processos de transformação que “apresenta, em relação à fase anterior, uma ruptura na dominância decisiva de um centro de poder, cujos representantes anteriormente disputavam, sem chegar a uma decisão, com outros centros de poder”. No caso, podemos observar lentamente como as mídias ditas “livres” estão sendo alternativas às mídias tradicionais nas coberturas e críticas de eventos, principalmente, políticos. Não é possível afirmar como essas transformações influenciam no impacto da notícia, já que como mencionado, são necessários estudos de longo prazo, porém é uma perspectiva que devemos observar. Mesmo que seja difícil uma mídia consolidada sofrer tremendas alterações, não há como descartar a possibilidade das pessoas que não estão dentro da figuração jornalística de produzir a informação. Porém, o futuro é incerto.

Antigamente, o conceito de humanidade referia-se a uma imagem ideal distante, sempre pacífica e harmônica. Hoje, refere-se a uma realidade rica em conflitos e tensões. Na teoria e na prática, o processo social de uma humanidade que se integra ou se autodestrói com alguma velocidade constitui o enquadramento universal para a investigação de todos os processos sociais específicos. Só assim se abrirá caminho para a discussão de outros problemas relativos aos processos sociais. Se os seres humanos parassem de planejar e de agir, então não haveria mais nenhum processo social. Afinal de contas, essa autonomia relativa dos processos baseia-se na vida em comum de uma pluralidade de seres humanos mais ou menos dependentes uns dos outros e que agem uns com os outros ou uns contra os outros — de seres humanos que estão imersos em uma natureza não-humana. Dessa interdependência contínua resultam permanentemente transformações de longa duração na convivência social, que nenhum ser humano planejou e que decerto também ninguém antes previu. (ELIAS, 2006, p. 31).

Para Marques (2012) a imprensa, denominada como Quarto Poder, por ter uma grande influência social, parece um conceito exagerado, já que há uma relação direta de interesses entre as

empresas jornalísticas e seus consumidores e com os poderes institucionais tradicionais, nesse caso a interdependência funcional se mostra numa certa cumplicidade,

Os jornais e outros meios de imprensa são produtos de consumo, tem determinado poder de influência sobre as pessoas e mesmo alguma capacidade de moldar conceitos e discursos, mas dificilmente determinem detalhadamente os futuros de uma nação, ou mesmo determinada conjuntura, por exemplo. (MARQUES, 2012).

Como negar o poder que a comunicação dominou desde que criada a imprensa? Nas sociedades complexas de nossos dias, com o aumento das redes de interdependências funcionais, os meios de comunicação se tornaram indispensáveis quando falamos em nos integrar à sociedade. No linguajar comum, pode-se considerar, mesmo compreendendo que os seres humanos vivem em interdependência, que quem é desatualizado do que ocorre em seu redor não existe, porém, isso se explica, pois em toda figuração, além do poder o conhecimento é um dos seus elementos que a constitui.

Sendo assim, os meios de comunicação podem se configurar em relações de poder que tem relação com grupos e indivíduos que “podem reter ou monopolizar aquilo que outros necessitam, como por exemplo, comida, amor, segurança, conhecimento, etc. Portanto, quanto maior as necessidades desses últimos, maior é a proporção de poder que detêm os primeiros.” Elias (1994, p. 53).

Se a imprensa tradicional retém a informação, logo ela se torna um poder dentro de um sistema e um pode ser reconhecido pelo campo político. De acordo com Hohfeldt:

O estudo de McCombs e Shaw, por exemplo, evidenciou que os eleitores aumentavam a busca de informações à medida que a campanha eleitoral se desenvolvia e aproximava-se da data da eleição, o que podemos confirmar com, absoluta facilidade acompanhando, por exemplo, no Brasil, a audiência aos chamados programas obrigatórios de nossas campanhas eleitorais; essa procura por informações contribui eficientemente para a definição do eleitor em relação aos temas que o levam a decidir-se pelo candidato a quem confiará seu voto e, conseqüentemente, influencia o próprio resultado eleitoral. (HOHFELDT, 2007).

As relações de poder, segundo Elias, também abordam como as pessoas são vistas como funções dentro desses sistemas. No que diz que: “quanto mais pessoas são tornadas dependentes pelo mecanismo monopolista, maior se torna o poder do dependente, não apenas individual, mas também coletivamente, em relação a um ou mais monopólios”. (ELIAS, 1990, p. 100).

Nesta forma, há o conflito jornalístico em que quem trabalha com a mídia tradicional não se vê como manipulador em questão, mas como parte de um sistema de trabalho. Enquanto, jornalistas são julgados por tratarem de “manipular” notícias, à medida que não há como ser imparcial em alguma relação, pois a vivência do indivíduo e suas relações com a sociedade fazem parte do seu

“eu”, ou seja, parafraseando Norbert Elias, quem é o jornalista que não ele membro da própria sociedade.

Segundo Bourdieu (1997), quanto mais se compreende como se passa uma estrutura de televisão, mais se entende que aqueles que participam, são tão manipulados quanto os manipuladores, mostrando que o processo televisivo é uma forma de violência simbólica. “A violência simbólica é uma violência que se exerce com a cumplicidade tácita dos que a sofrem e também, com frequência, dos que a exercem, na medida que uns e outros são inconscientes de exercê-la ou sofrê-la” (BOURDIEU, 1997, pág. 102).

Como afirmam Gebara e Lucena (2005)

A interdependência entre as classes sociais e os indivíduos, dá margem a uma maior divisão de funções e a criação de instituições mais sólidas e, cedo ou tarde, ‘forçam’ o poder monopolista a relação de dependência funcional diante de grupos com menor coeficiente de poder. (GERBARA E LUCENA, 2005, p.58).

Tal discussão mostra como os conceitos de Elias, processos e figurações, podem ser aplicados e relacionados a sistemas que, de algum modo, mostram poder, são formados por teias paralelas, quando se fala de interdependência e configuradas em uma relação que depende dos indivíduos em si e dos indivíduos em conjunto formando a sociedade.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O campo jornalístico pode ser relacionado como uma relação de poder que atinge a sociedade em diferentes aspectos, seja na questão da informação, seja em um ponto que há um grupo de indivíduos dentro de um sistema que influenciam outros indivíduos diariamente, mantendo um monopólio, ao mesmo tempo em que esses indivíduos jornalistas não se dissociam do grupo das pessoas para quem escrevem, pois as transformações sociais que ocorrem em função da distribuição de informações (seja no campo político, econômico, científico ou social) que nos atinge como um todo.

O artigo não tem a intenção de chegar a uma conclusão, quanto ao próximo passo do sistema da comunicação tradicional, mas de promover uma reflexão de que estamos todos inseridos em uma rede de relações dependentes um dos outros e, mesmo quem produz a notícia não está dispensado dessas transformações.

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão. Seguido de: A influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos** – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- COSTA, André Oliveira. **Norbert Elias e a configuração: um conceito interdisciplinar.** Configurações [Online], 19 | 2017. Disponível em: <http://journals.openedition.org/configuracoes/3947>
- ELIAS, Norbert. **O processo civilizador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- ELIAS, Norbert (2006), **Escritos & Ensaios: 1 – Estado, processo, opinião pública**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- ELIAS, Norbert (2001) [1969], **A Sociedade de Corte: Investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a.
- FRANÇA, Vera Veiga, HOHLFELDT, Antonio e MARTINO, Luiz. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas, tendências.** Petrópolis, Vozes, 2007.
- GEBARA, Ademir. LUCENA, Ricardo de F. **O poder e cotidiano: breve discussão sobre o poder para Norbert Elias.** IX Simpósio Internacional Processo Civilizador. Ponta Grossa, PR. Nov, 2005.
- LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço.** São Paulo: Loyola, 2000.
- MARQUES, Mauro Luiz Barbosa. **Jornalismo e imprensa: relações com o civilizado, o histórico e o político.** Revista Crítica Histórica. Ano III, N° 5, Julho de 2012.
- PENA, Felipe. **Teoria do jornalismo.** São Paulo: Contexto, 2012. 3ª.ed.
- RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação;** tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.